

2

Desconstrução do signo

Do signo logocêntrico

"Derrida não começou exatamente no começo, se considerarmos os começos clássicos". É o que diz Geoffrey Bennington referindo-se ao fato de Derrida ter se concentrado sobre a questão do signo no início de sua obra, pois segundo o pensador inglês "começar pelo signo é começar pelo secundário mesmo, é já estar no desvio. Segundo a lógica da lógica (do *logos*), o signo é signo de alguma coisa, ele toma o lugar da coisa na sua ausência, representa-a, esperando sua volta."⁴⁴ Essa afirmação de Bennington tem toda coerência com relação ao que já dissemos sobre a constatação de Derrida da impossibilidade de se começar pelo começo. E, se Derrida começa pelo signo é porque, segundo ele, o signo está no começo, o que equivale a dizer que não há começo absoluto. Assim, Derrida afirma que a filosofia não escapa da questão do signo justamente porque este seria o seu começo sem começo.

Segundo Derrida, a teoria logocêntrica do signo estabelece uma visão sobre ele que dura até os dias de hoje e que fundamenta toda a lógica do pensamento ocidental. Pela "lógica da lógica", o signo é sempre "signo de" alguma coisa, ele é a representação dessa coisa em sua ausência, devendo estar "suficientemente separado dela para ser seu delegado, mas ainda suficientemente ligado a ela para ser seu signo, para só remeter, em princípio, a ela."⁴⁵ Além disso, como nos explica Bennington, é importante perceber uma divisão tripartite do signo. Ele teria, por um lado, uma face significante, sensível, como um som ou uma marca dada, que se remeteria a um significado, um conceito ou um sentido pré-existente. Sendo que é a unidade formada pelo significante e pelo significado que constitui o signo. Esta unidade, por sua vez, remeteria a um referente, à coisa mesma, ao mundo, à "realidade". Dessa forma, aquilo que o signo deve substituir, representar, aquilo que está ausente, não é o sentido, o significado, sem o qual o

⁴⁴ BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p.26.

⁴⁵ BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p. 26.

signo não funcionaria, mas o referente. O significante e o significado seriam indissociáveis, apenas separados do referente para representá-lo de longe. Sem essa diferenciação tripartite entre significante, significado e referente não haveria significação e "toda a linguagem estaria reduzida a uma lista de nomes próprios de coisas, e não seria de fato uma linguagem."⁴⁶

Bennington nos diz que, para Derrida, esta divisão tripartite do signo inscreve-o no reino da idealidade que toca pelos dois lados um reino da materialidade: "Para cima, em primeira posição, as coisas, o mundo, a realidade; pra baixo, em terceira posição, o significante, o corpo fônico ou gráfico. (...) o signo sempre foi pensado a partir desta distinção entre o sensível e o inteligível, e não pode ser pensado de outra forma"⁴⁷ E é nesse sentido que Derrida vê a teoria logocêntrica do signo como essencialmente teológica: "o signo e a divindade têm a mesma hora e local de nascimento"⁴⁸. Na explicação de Bradley, a teoria logocêntrica do signo seria o encontro da teologia cristã com a metafísica grega. A distinção inerente ao signo entre significante e significado reflete a distinção teológica entre o mundo sensível e o mundo inteligível -

'esse' mundo e o 'outro' mundo - (...) a alegação de Derrida é que o signo falado ou escrito é sempre o signo de um reino que existe anterior e independentemente do mundo sensível, seja ele a mente de deus ou, como veremos adiante no caso de Ferdinand de Saussure, meramente uma ideia ou um conceito inteligíveis. De qualquer forma, [Derrida] argumenta, ele contém uma dimensão 'metafísica-teológica'.⁴⁹

Além disso, ainda de acordo com Bradley, Derrida identifica um modo ainda mais fundamental em que mesmo em sua forma mais moderna e científica o conceito de signo permanece teológico. Pois, como vimos acima, o signo foi sempre tido como "signo de", isto é, substituindo a ausência da coisa, fica pressuposta, por trás dele, uma "presença" pura e imediata. Essa presença metafísica da qual falamos no capítulo anterior, segundo Derrida, encontra sua expressão máxima no cristianismo, onde o Deus é um ser absolutamente presente que garante todo sentido:

⁴⁶ BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p. 27.

⁴⁷ BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p. 28.

⁴⁸ DERRIDA, J. *Gramatologia*. P. 16.

⁴⁹ BRADLEY, A. *Derrida's of grammatology*. P. 45.

Se Saussure e outros linguistas modernos obviamente dispensam, sem nenhuma crença, um deus criador por trás do signo, Derrida tem pouca dificuldade em mostrar que eles ainda retêm um investimento residualmente teológico no que chama de um 'significado transcendental' - uma presença última - que ancora todo sentido nele mesmo: a presença de Deus é meramente substituída pela presença de quem fala, de seus pensamentos e de seus sentimentos, e assim por diante.⁵⁰

Mas poder identificar a época do signo como essencialmente teológica, mais uma vez, não quer dizer que se possa sair dessa época ou que se deva abandonar esse conceito. A desconstrução do signo se dá a partir das próprias características atribuídas a ele por essa época logocêntrica, teológica. Na verdade, podemos dizer que é essa noção metafísica de signo que dá as chaves a Derrida para pensar uma ideia alargada de escritura. Segundo Bennington, é a partir desses moldes, pelos quais o signo foi pensado pela metafísica, que torna-se possível compreender de que forma a filosofia se determinou como filosofia da linguagem e, como estamos vendo, "por que a linguagem pode revelar o que Derrida chamará o fechamento (que não é o fim ...) da metafísica."⁵¹ Pois, por essa visão, o signo é aquilo mesmo que pode religar os dois mundos, o sensível e o inteligível: "Esteja ele a serviço da idealidade ou da materialidade, dos conceitos ou das coisas, da *theoria* ou da *praxis*, o signo deve compor com o reino adverso"⁵².

Muitas vezes se atribuiu erradamente a Derrida um triunfo do materialismo baseado num suposto privilégio do significante sobre o significado. Mas depois de termos lido o primeiro capítulo desta dissertação podemos entender que esta leitura errônea da obra de Derrida se dá justamente a partir da crença de que, ao liberar uma visão ampliada de escritura, ele estaria invertendo a hierarquia da fala sobre a escrita determinando agora uma superioridade à escrita sobre a fala. E, como tivemos a chance de ver, não é por aí que se processa a desconstrução da linguagem metafísica, justamente porque a desconstrução do conceito metafísico de signo não trata simplesmente de garantir um privilégio do significante, até porque, como veremos melhor em seguida, Derrida, não pensa o significado como uma entidade ou uma unidade separável de seu significante:

Não reduziremos o significante simplesmente a uma 'imagem acústica', como dizia Saussure, e chegaremos a dizer que o significado não é mais do que um significante posto em uma determinada relação com outros significantes, que a

⁵⁰ BRADLEY, A. *Derrida's of grammatology*. p. 46

⁵¹ BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p 28

⁵² BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p. 30

diferença entre significante e significado não é *nada*. Não se descarta que se fale de um 'corpo do significante' quando o contexto torna improvável o contra-senso. Mas não podemos rigorosamente falar de um materialismo do significante: primeiramente porque o significante não é material; em seguida porque não há significante⁵³

Dessa forma, para Derrida, o significante não é nunca essencialmente sensível, há nele uma idealidade que assegura sua "identidade" em suas repetições não idênticas, se o significante fosse apenas material não seria possível sua identificação numa repetição não idêntica. E, além disso, a citação acima mostra também que não há significante, pois Derrida reconhece que todo significado não passa de um significante "posto numa certa posição por outros significantes: não existe significado ou sentido, só há efeitos."⁵⁴ Mas esta afirmação, ao contrário do que pode parecer num primeiro momento, não garante um privilégio ao significante, pois o termo "significante" só faz "sentido" numa relação com o significado, e se, como vimos, não há significado, também não há significante. Só há *rastros*.

Mas se antecipamos aqui alguns passos de Derrida na desconstrução do signo logocêntrico foi só para podermos seguir melhor sua leitura do *Curso de lingüística Geral* de Ferdinand de Saussure, cujo pensamento já provocava abalos que proporcionaram ao filósofo franco-magrebino pensar alguns de seus *quase-conceitos* principais para entendermos sua visão de escritura como um "sistema" de diferenças.

A lingüística de Saussure

Todo pensamento de Derrida se dá a partir de uma leitura da tradição. Como já dissemos antes, a desconstrução não é um método que possa ser aplicado de fora com o objetivo de destruir outros pensamentos ou no intuito de procurar falhas que devam ser consertadas. Ela não assume essa função crítica no sentido de identificar erros cometidos no passado para consertá-los e oferecer uma visão correta na promessa de um movimento que aponte sempre para uma progressão. Segundo a desconstrução, o pensamento não alcança nunca um lugar fixo, correto, que não possa ser relido e por isso, desconstruído infinitamente a cada leitura.

⁵³ BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p. 31.

⁵⁴ BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. p. 34.

Toda leitura comporta uma espécie de ruptura com o texto. Portanto, em sua postura desconstrutiva, Derrida não lê a tradição como algo que deveria ter sido diferente, mas a tem como uma espécie de motor para seu próprio pensamento que a partir de uma leitura atenta procura entrar nas brechas e contradições inerentes a todo discurso, forçando de dentro os limites do próprio texto lido, fazendo-o seguir e falar mais do que sua clausura possibilitava. É nesse sentido que este capítulo se baseia na leitura derridiana do *Curso de lingüística geral* de Ferdinand de Saussure. Derrida enxerga no pensamento de Saussure importantes passos em direção a uma abertura que possibilita pensar uma gramatologia geral, apesar de todas as denegações e exclusões que o lingüista suíço determina à escritura em seu *Curso*.

O fato de Derrida se dedicar a uma leitura atenta da lingüística e, mais especificamente, de Saussure não se dá à toa, pois sendo a linguística uma disciplina que oferece uma análise científica da linguagem, faz sentido que esteja em melhor posição do que, por exemplo, a história, a antropologia ou a arqueologia para nos oferecer uma definição rigorosa da escritura em geral. Além disso, Derrida ressalta o papel importantíssimo que ela assumiu para as ciências humanas contemporâneas e como a teoria de Saussure serviu de base para vários pensadores estruturalistas como Lévi-Strauss e Lacan. E um aspecto ainda mais importante a ser ressaltado aqui é que a teoria dos signos de Saussure já traz sérios abalos para a teoria logocêntrica do signo como mera representação física de uma ideia pré-existente, pois o *insight* que ele traz à tona apresenta uma ligação inextrincável entre o que ele nomeia de significante (a marca física) e o significado (o conceito ao qual a marca se refere). Os dois estariam unidos como *recto* e *verso* de uma folha, isto é, o significado seria totalmente dependente do significante. Aos olhos de Derrida, esse é um passo de extrema importância no questionamento de uma visão metafísica e teológica onde se supõe que as ideias existam totalmente independentes de seus significantes, sendo estes apenas marcas físicas que representam um conceito pré-existente. Mas, como veremos, se Saussure abre a possibilidade de se pensar o significante como *rastro* ele ainda está preso à ideia de um *significado transcendental*.

Derrida faz importantes comentários a partir de outros famosos lingüistas como Peirce, Jakobson e Hjelmslev, mas por ser impossível nos estendermos nesta dissertação sobre todas as considerações levantadas pelo filósofo franco-

magrebino em *Gramatologia*, vamos nos ater aqui apenas ao que consideramos ser a leitura mais importante do 2o capítulo deste livro, que possibilitará a Derrida desdobrar *quase-conceitos* de extrema importância para o pensamento da desconstrução como *rastro*, *arqui-escritura* e *différance*.

Seguiremos de perto as conseqüências que essas inovações propostas por Saussure possibilitam para o pensamento de Derrida. Mas veremos também que se é a partir do *Curso de linguística geral* que Derrida enxerga uma abertura para chegar a uma noção alargada de escritura, isto não se dá tranquilamente como se o gesto desta abertura já estivesse totalmente delineado em Saussure. Pelo contrário, se o lingüista suíço, por um lado, traz argumentos inovadores para seu campo de atuação, por outro, ele se comporta como extremamente conservador e moralista no que diz respeito à escritura. Veremos como a leitura derridiana do *Curso de linguística geral* segue sob uma tensão entre, por um lado, acolher a abertura que ele dá a pensar e, por outro, forçar a clausura logocêntrica em que ele se inscreve.

Na obra de Saussure, assim como na tradição metafísica, a escritura é reconhecida, pelo menos declaradamente, como estrita e derivada: estrita porque é mais um dos eventos que podem acontecer à língua sem que isso transforme sua essência, pois a língua teria uma existência independente da escritura e; derivada por ser representativa, isto é, significante de um significante primeiro (a fala), uma imagem cuja função é representar a palavra falada.

A leitura derridiana do *Curso* de Saussure sublinha as ambiguidades do pensamento do linguista suíço que parece não se dar conta da radicalidade dos argumentos que traz à tona. Derrida aponta um interessante paradoxo entre o que parece ser a intenção de Saussure e a proporção que seus argumentos tomam ao excederem tal intenção. Em certos momentos, Saussure parece querer colocar amarras (pouco justificadas para o que pretende ser uma ciência da língua) no intuito de conter esse transbordamento. Essas ambiguidades são logo percebidas pela leitura desconstrutiva, não porque ela pretenda indicar erros nesse texto, no intuito de sua correção, mas porque tais contradições permitem fazer o próprio pensamento de Saussure falar mais, ir além de uma clausura em que ele mesmo, por um lado, parece querer se inscrever.

Mas, como começávamos a dizer, Saussure reconhece à escritura a mesma posição que a tradição do pensamento ocidental sempre reservou a ela. Esta visão restrita, fonologocêntrica, considera apenas um certo tipo de escritura: uma

escritura fonética, cuja função seria a figuração da fala. O *Curso de linguística geral*, preso à clausura logocêntrica do pensamento, posiciona-a num lugar externo à língua, dizendo mesmo que língua e escritura são dois sistemas distintos de signo cuja a única razão de ser do segundo seria representar o primeiro. Esta visão restrita da escritura como escritura fonética, como já vimos, foi a base para todo o pensamento ocidental que sempre se sustentou sobre o pressuposto de um privilégio da fala em relação a ela. Contudo, a partir de um gesto totalmente desconstrutivo que fragiliza os pilares do pensamento logocêntrico, Derrida nos alerta que a *estrutura* da escritura fonética que possibilitou a instauração da episteme e que comanda a nossa cultura e a nossa ciência, na verdade, não seria nem mesmo uma *estrutura* e, sim, um *modelo*, pois "não se trata de um sistema construído e funcionando perfeitamente, mas sim de um ideal dirigindo explicitamente um funcionamento que *de fato* nunca é totalmente fonético."⁵⁵ Poderíamos pensar esse gesto desconstrutivo como a exigência de uma hiperlucidez que nos permitiria enxergar na pretensão de toda *estrutura* bases menos firmes que caracterizariam muito mais a ideia de *modelo* do que de *sistema*, e que, ao invés de firmar certezas, as veriam projetadas como desejos que sustentam uma perspectiva idealista.

Saussure, então, ao seguir o modelo da escritura fonética, define como objeto da linguística geral apenas a palavra falada. Esta, sozinha, justificaria a ciência da língua. Dessa forma, seu *Curso de linguística geral* não parece ser tão geral assim, pois ele prossegue fazendo restrições que limitam o seu estudo, no intuito de ver desenhado o campo de uma ciência. Mas o que surpreende de imediato, numa primeira leitura do *Curso*, é o espaço que a escritura acaba ocupando em seu estudo, pois mesmo operando tantas restrições, Saussure não consegue fazer abstração, no estudo da língua, daquilo que considera apenas sua forma de figuração.

Traçando uma diferença entre signo e símbolo, Saussure define a escritura como um sistema de signos, isto é, como aquilo que não mantém com o que "representa" uma relação natural, mas sim arbitrária, convencional - o que nos faz pensar no caráter de constructo, artificial, convencional de toda significação - enquanto o símbolo, ao contrário, é aquilo que representa algo por uma relação

⁵⁵ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 37.

natural, de semelhança, de figuração. Dessa forma, reconhecendo na escritura apenas um sistema de signos, Saussure define, em seu *Curso*, apenas dois tipos de escritura: uma escritura ideográfica, onde um único signo representa o conjunto da palavra, sendo estranho aos sons que a constituem e; uma escritura fonética, que representa os elementos sonoros que constituem as palavras. Para ele, não há escritura simbólica ou figurativa, isto é, escritura em que o grafismo mantém uma relação natural com o que é então não significado, mas representado ou desenhado.

A tese saussuriana da arbitrariedade do signo é de extrema importância para o abalo de seu conceito logocêntrico, pois ela deveria impedir uma distinção radical entre signo linguístico e signo gráfico, já que o caráter institucional comum a todo signo problematiza a ideia de naturalidade que sustenta a pretensa hierarquia entre significantes: se todo signo é arbitrário, convencional, instituído, porque o signo fônico deveria ser privilegiado por manter uma ligação natural com o sentido? Podemos perceber de que modo Derrida problematiza certas restrições do *Curso* de Saussure que, por um lado, lança teses tão inovadoras como o reconhecimento do caráter institucional e diferencial (que veremos em seguida) da língua, mas que por outro, tenta colocar amarras nas consequências destas teses procurando ainda uma garantia pura e natural para o pensamento. No início do *Curso* a tese da arbitrariedade do signo funciona mesmo como justificativa para a delimitação do objeto de estudo de Saussure, ou seja, para a restrição dos tipos de escritura que devem ser levados em conta na ciência da língua. Após reconhecer apenas esses dois tipos de escritura apontados acima, Saussure especifica ainda mais sua "ciência geral": ele vai tratar apenas da escritura fonética e daquela "em uso hoje em dia, cujo protótipo é o alfabeto grego."⁵⁶ Afirmando, assim, uma postura metafísica que enxerga a escritura fonética como o *telos* de toda escritura.

Outra tese inovadora de Saussure que já provoca um forte abalo na teoria logocêntrica do signo e que é de extrema importância para o pensamento de Derrida é a tese do caráter diferencial do signo linguístico. Segundo Saussure, “os signos linguísticos não são constituídos por nenhuma substância, fônica ou conceitual, intrínseca – um som ou uma ideia particular que habite o próprio signo

⁵⁶ SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. p. 36.

– mas por suas *diferenças* em relação a outros signos do sistema”⁵⁷. Dessa forma, todo signo só adquire sentido confrontado outros signos e, portanto, cada signo traz “em si” os *rastros* de todos os outros signos que não ele. Só se pode pensar na identidade de qualquer conceito quando este se encontra numa cadeia referencial onde um conceito está sempre em relação com outros conceitos. Por exemplo, a única evidência que nos faz reconhecer a “identidade” da palavra “cadeira” é que ela se diferencia, tanto fônica como conceitualmente, das palavras “mesa”, “chão”, “lápis”, “papel”, e assim por diante infinitamente. Mas voltaremos a estas teses ao acompanharmos a leitura derridiana.

O "dentro" e o "fora"

Derrida chama atenção para como as delimitações e as restrições traçadas por Saussure ajudam a tranquilizar as exigências que o campo científico parece impor. Considerar a escritura como derivada, como *significante do significante*, parece tornar fácil e justificar sua exclusão do sistema interno da língua com o objetivo de delimitar o campo de uma ciência. A partir de tantas restrições determinadas pelo linguista, Derrida marca o fato de que a cientificidade da lingüística tem como condição que seu campo tenha fronteiras bem rigorosas, que sua estrutura seja, de certa maneira, fechada e regida por uma necessidade interna. O pensamento científico é regido pela lógica dualista da metafísica e Derrida sugere que esse dualismo se dá aqui em função de um jogo opositivo entre um 'fora' e um 'dentro' que regula todas as hierarquias e promove exclusões pouco justificadas que deixam ver, por trás de argumentos que se pretendem naturais, uma orientação do pensamento para o que podemos entender como o desejo, a intenção do autor. Determinar, assim, que a escritura seja exterior ao sistema interno da língua só é possível num pensamento que acredita na existência de um 'dentro' da língua: “Derrida mostra em que sentido a ciência da linguagem de Saussure ainda é governada pela lógica da inclusão e da exclusão que caracteriza o logocentrismo: fala/escritura, dentro/fora, inteligível/sensível, e assim por diante.”⁵⁸

Como nos explica Duque-Estrada, determinar a escritura como *significante*

⁵⁷ BRADLEY, A. *Derrida's of Grammatology*. p. 69.

⁵⁸ BRADLEY, A. *Derrida's of Grammatology*. p. 61.

do significante justifica todas as outras características secundárias atribuídas a ela a que Derrida se refere como, por exemplo, "película exterior" ou "duplo inconsistente de um significante maior"

e às quais se acrescenta o seu caráter igualmente suspeito e perigoso, já que, com o surgimento de significantes escritos, o significado pode se propagar indefinidamente, para além da presença e, portanto, da autoridade do querer-dizer daquele que originalmente o proferiu.⁵⁹

Como veremos, o pensamento que assume a disseminação da escritura não pode mais operar exclusões baseadas numa oposição entre um fora e um dentro, porque justamente ele confunde a delimitação clara entre esses termos, contaminando um pelo outro, mostrando a impossibilidade de pureza de qualquer conceito e, desse modo, fazendo irromper o fora no dentro. Para Derrida, as ambiguidades do *Curso* de Saussure já demonstram essa irrupção da escritura e, na verdade, está o tempo todo tentando se proteger dela sem se dar conta de que o fato dela retornar a todo instante já deixa ver a possibilidade dela ser a "realidade" mais íntima da linguagem. O retorno insistente da escritura deixa ver como o pensamento enclausurado em sua visão restrita tenta se proteger, expulsando para fora de seu pretense sistema interno tudo aquilo que pode representar um perigo para o seu ideal de pureza e naturalidade.

Mas o que Derrida aponta como um acontecimento interessante que se dá na linguística é que, mesmo no seu desejo científico de delimitar um campo bem definido, de posicionar a escritura como exterior à língua, ela deixa ver esse retorno insistente da escritura como uma assombração que não pára de perseguir a língua a ponto de tornar-se praticamente impossível fazer abstração dela nesse estudo. Dessa forma, mesmo que o desejo declarado desta ciência seja o de estabelecer uma pureza da língua, mantendo-a a salvo dos perigos representados pela escritura como uma ameaça exterior a ela, nunca se conseguiu deixá-la, realmente, do "lado de fora". Assim, a linguística, mesmo que intencionalmente pretenda inscrever-se no campo científico, afirmando o modo clássico de oposições binárias do pensamento metafísico, começa a deixar ver uma contaminação da língua pela escritura impossível de ser refreada. Mais do que isso, Derrida diz mesmo que a linguística, sem assumir tal fato, inauguraria uma

⁵⁹DUQUE-ESTRADA, P.C. *Derrida e a escritura*. p.16.

nova noção de episteme em que a escritura, mais do que representação do pensamento, seria sua própria condição de possibilidade. Se em seu desejo de se ver como ciência, ela promove restrições e exclusões para todos os lados, se a tentativa de excluir a escritura do sistema interno da língua - assim como, mais geralmente, se gostaria de poder excluir, sem perda, a imagem do sistema da realidade - a impossibilidade de se fazer abstração da escritura no estudo da língua acaba mostrando uma certa confusão entre as noções de dentro/fora, presença/representação, realidade/imagem que o campo científico gostaria de poder separar rigorosamente. Este acontecimento interessante que se dá no campo da linguística já nos permite enxergar uma visão ampliada da escritura.

A usurpação da escritura

Derrida desconfia que Saussure dedique tanto espaço à escritura logo na abertura do *Curso* por percebê-la como uma ameaça a seu modelo de linguística centrado na fala. A suposta ligação natural entre fala e sentido garante a pureza do conceito científico da linguagem. As relações naturais com o sentido, aos olhos de Saussure, devem ser preservadas a qualquer custo. É por isso que ele denuncia com argumentos inflamados (que até mesmo soam estranhos como argumentos científicos) e, "com acentos de moralista e de pregador" a contaminação da língua pela escritura: "tudo se passa como se, no momento em que a ciência moderna do *logos* quer aceder à sua autonomia e à sua cientificidade, fosse ainda necessário abrir o processo de uma heresia".⁶⁰ Derrida nos lembra como a escritura já havia sido acusada como empecilho para atar a *episteme* ao *logos* pelo Fedro em Platão: já aí ela apareceria como a intrusão de uma "técnica artificiosa (...) irrupção do fora no dentro, encetando a interioridade da alma, a presença viva da alma a si no verdadeiro *logos*, a assistência que dá a si mesma a fala."⁶¹

Por conta de uma inversão da relação natural entre a fala e a escritura que esta última é acusada de promover na ordem "natural" das coisas é que o linguista suíço vai vê-la como uma espécie de pecado. Como nos aponta Derrida, o pecado foi definido muitas vezes e também por Kant e Malebranche como a inversão das relações naturais entre a alma e o corpo na paixão. Derrida nos lembra que a

⁶⁰DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 42.

⁶¹DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 42.

escritura sempre foi relacionada ao corpo e à matéria exteriores ao espírito, por isso, ele sugere que o problema relativo à inversão entre a alma e o corpo no pecado é que "derivou-se do problema da escritura a que parece - ao invés - emprestar as metáforas."⁶² Esta denúncia derridiana nos possibilita ver como todas as hierarquizações das oposições binárias do pensamento logocêntrico têm sua fonte no rebaixamento da escritura desde que teve início o “jogo” metafísico.

Meditar sobre esta inversão nos faz enxergar como Saussure se inscreve no “jogo” metafísico. A ligação natural entre som e sentido evocada por pressupostos histórico-metafísicos seria alterada, pervertida, por essa espécie de pecado original da escritura: "A imagem gráfica acaba por se impor à custa do som... e inverte-se a relação natural".⁶³ O medo de Saussure é que a imagem gráfica possa se impor ao som por nos impressionar como um objeto mais permanente e sólido para constituir a unidade da língua através dos tempos, fazendo-nos esquecer da suposta ligação natural entre o som e o sentido, isto é, apagando a natureza que liga o “pensamento-som”. A imagem, a escritura, mistura-se tão intimamente com o que deveria apenas representar de fora, isto é, com a fala, que acaba por usurpar-lhe o papel principal:

O que é insuportável e fascinante, é exatamente esta intimidade enredando a imagem à coisa, a grafia à fonia, de tal forma que, por um efeito de espelho, de inversão e de perversão, a fala parece, por sua vez, o *speculum* da escritura que 'usurpa, assim, o papel principal'. A representação ata-se ao que representa, de modo que se fala como se escreve, pensa-se como se o representado não fosse mais que a sombra ou o reflexo do representante. Promiscuidade perigosa, nefasta cumplicidade entre o reflexo e o refletido que se deixa seduzir de modo narcisista. Neste jogo de representação, o ponto de origem torna-se inalcançável. Há coisas, águas e imagens, uma remessa infinita de uns aos outros mas sem nascente. Não há mais uma origem simples.⁶⁴

Se para Saussure esta usurpação aparece como um problema que deve ser evitado a todo custo no intuito de manter a pureza da língua, para Derrida, ela aparece como a realidade mais íntima da linguagem, isto é, a desconstrução da visão tradicional da escritura não pretende inocentá-la dessa usurpação. Isto consistiria apenas em inverter a oposição entre fala e escritura, mantendo a lógica do pensamento logocêntrico. O deslocamento aqui se dá no reconhecimento de

⁶² DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 42

⁶³ SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. p. 35

⁶⁴ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.44

que nunca existiu uma linguagem pura, inocente. Esta usurpação, esta violência do esquecimento de uma origem simples, que o jogo da representação traz à tona não diz respeito apenas à escritura fonética como gostaria Saussure, mas mostra a “realidade” da linguagem como um todo. Mostra exatamente a não-presença de um significado que garanta a origem e a ordem natural da derivação. O reconhecimento da impossibilidade de se alcançar uma origem simples, mostra, na verdade, a ausência de um significado e a condenação a um “jogo” de remetimento sem fim de significante a significante.

A violência do esquecimento de uma origem simples que a escritura carrega introduz a imagem nos direitos da realidade, operando uma perversão que faz com que o significado apareça como sombra do significante. Saussure diz: “acabamos por esquecer que aprendemos a falar antes de aprender a escrever, e inverte-se a relação natural”⁶⁵.

Mas a interessante proposição de Derrida, que já podemos entender por tudo que tivemos a oportunidade de ver, é que, esta escritura dita fonética, a qual o *Curso* de Saussure pretende se restringir e que é colocada pelo pensamento logocêntrico como o *telos* de toda escritura, na verdade, nunca existiu como se gostaria, pois “nunca nenhuma prática é puramente fiel a seu princípio”⁶⁶. O privilégio de uma escritura dita fonética na história do pensamento ocidental deixa-se, então, aparecer como o desejo por uma plenitude, por um significado transcendental que pudesse garantir a verdade de todo pensamento. Ela seria o modelo ideal de escritura para uma fala que se pretende plena. Mas fragilizando esse ideal de plenitude, Derrida nos fala da pontuação, ou do espaçamento em geral a que toda escritura está submetida como indícios da impossibilidade de uma escritura realmente fonética:

o simbolismo vazio da notação escrita – na técnica matemática por exemplo – é (...) o que nos exila para longe da evidência clara do sentido, isto é, da presença plena do significado na sua verdade, abrindo assim a possibilidade da crise. Esta é verdadeiramente uma crise do *logos*.⁶⁷

Como já dissemos, essa impossibilidade de uma escritura plenamente fonética pode ser percebida, no *Curso* de Saussure, nas dificuldades do linguista

⁶⁵SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. p. 35.

⁶⁶DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 48.

⁶⁷DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.49.

em estabelecer um sistema fechado para a língua. Mesmo restringindo o estudo da escritura, em sua ciência, apenas à escritura fonética, que já teria por princípio ser exterior ao sistema da língua, o linguista não consegue conter seu transbordamento. Todas as restrições operadas por ele no intuito de ver garantida a pureza da língua, segundo Derrida, acabam desembocando em ambiguidades que ao invés de esclarecerem e justificarem a exterioridade da escritura, nos fazem ver que a "usurpação" de que ela é acusada de promover, o fato dela substituir o lugar de sua própria origem, daquilo que não apenas deveria tê-la criado mas ser criado por si mesmo, começa a aparecer não como um acidente exterior, mas como uma possibilidade de essência da linguagem em geral, nesse sentido, a própria fala seria uma espécie de escritura.

Assumir o *espaçamento* a que toda escritura - e por isso, também a fala - está submetida é colocar em pauta a crise do *logos*, o abalo da metafísica da presença do sentido, é desconstruir a teleologia da escritura fonética. Mesmo que essa teleologia venha responder à necessidade por qual clama todo projeto científico, ela se mostra completamente frágil com todas as ambiguidades que decorrem dela. A liberação de uma visão radical de escritura coloca em questão, justamente, a possibilidade de um projeto científico.

A liberação da escritura: arqui-escritura, rastro, différance.

Para vislumbrar o conceito alargado de escritura que acaba por deslocar o fundamento de todas as oposições binárias é preciso admitir que nunca tenha havido uma linguagem natural que tenha sido desvirtuada a *posteriori* pela escritura, por isso, num primeiro momento de sua obra, Derrida usa o termo *arquiescritura* para diferenciar seu quase-conceito de escritura do conceito tradicional. O conceito vulgar de escritura

só pôde, historicamente, impor-se pela dissimulação da arquiescritura, pelo desejo de uma fala expelindo seu outro e seu duplo trabalhando para reduzir sua diferença. Se persistimos nomeando escritura essa diferença, é porque no trabalho de repressão histórica, a escritura era, situacionalmente, destinada a significar o mais temível da diferença. Ela era aquilo que, mais de perto, ameaçava o desejo da fala viva, daquilo que do dentro e desde seu começo, encetava-a. E a diferença, nós o experimentaremos progressivamente, não é pensada sem o *rastro*.⁶⁸

⁶⁸DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 69.

Como vimos rapidamente, a teoria saussuriana do caráter diferencial do signo lingüístico nos diz que todo signo só adquire sentido através de sua diferença em relação a outros signos. Como nos explica Bradley: “se um signo tem sentido, não é porque ele possui um conteúdo ou uma substância nele mesmo, mas porque ele difere – tanto fônica quanto conceitualmente – de outros signos dentro do sistema lingüístico.”⁶⁹ Isto é, se o signo só obtém sua identidade a partir das diferenças em relação a outros signos do sistema, todo signo é marcado pelo que ele não é. E, assim, ele precisa reter os rastros dos outros signos, contra os quais é definido, para adquirir sentido. Essa visão nos embaralha completamente a idéia da estrutura dualista e idealista do signo logocêntrico, onde um significante dado remete a um significado pré-existente. Nas palavras de Duque- Estrada:

Enquanto unidade de significação, o significante atua em função do ‘lugar’ que ele ocupa numa cadeia de significantes na construção de uma frase ou, de um modo mais amplo, no interior do sistema lingüístico do qual ele faz parte. Fora da frase, fora do sistema lingüístico a que pertence, um significante resta de todo indeterminado, não aponta para significado algum. O que vale dizer que, dentro da frase, no interior de seu sistema lingüístico, um significante só existe ou só desempenha a sua função enquanto tal em virtude das diferenças com os outros significantes da frase ou do próprio sistema lingüístico a que pertence. Deste modo, se não há significado em si, também não há significante em si, já que este último só é o que é em função de um *sistema de diferenças*.⁷⁰

É por isso que Derrida enxerga a maior característica da escritura no pensamento logocêntrico - mero *significante do significante* - como aquilo que oferece uma melhor visão para o estado diferencial da linguagem em geral, pois todo significante deve ser descrito como *significante do significante*, já que todo signo trabalha referindo-se a outro signo dentro do sistema, mais do que a um conteúdo positivo dele próprio. E é dessa forma que se dá a positivação de uma posição inferior da escritura no sistema metafísico, pois essa posição inferior, derivada, descreve a condição da linguagem como um todo, sendo possível, assim, enxergar o alargamento do conceito de escritura, e reconhecer a própria linguagem como uma espécie de escritura. Esta *arquiescritura* reprimida pelo ideal da escritura fonética assume esse sistema de diferenças que o privilégio da fala no pensamento ocidental tenta apagar.

Percebemos, então, como a liberação da escritura proposta por Derrida

⁶⁹BRADLEY, A. *Derrida's of Grammatology*. p. 66.

⁷⁰DUQUE-ESTRADA, P.C. *Derrida e a escritura*. p. 19.

não se dá a partir de uma nova definição e, sim, a partir da posituação das mesmas características que sempre foram atribuídas a ela pela tradição metafísica: "A escritura é reafirmada com base no que ela sempre foi, ou seja, *significante do significante*, mas a diferença é que há nisso uma positividade, antes não reconhecida ou mesmo reprimida, e que começa agora a se mostrar."⁷¹ Nas palavras de Derrida: " 'significante do significante' deixa de definir a reduplicação acidental e a secundariedade decaída"⁷² Pois se o significado foi, de certa forma, abolido, tudo o que temos agora é um remetimento de significante a significante sem que ele se estanque num significado. Ainda segundo Duque-Estrada, esse remetimento infinito que Derrida chama de "jogo" e que é indissociável da ideia da "ausência do significado", nos permite situar o novo "cenário" que se configura a partir da liberação da escritura, de uma *arquiescritura*. Se a lingüística de Saussure já abala as estruturas do edifício metafísico, a sua leitura derridiana radicaliza esse abalo, revelando uma qualidade de mediação e diferença no coração da suposta "presença" metafísica:

O jogo das diferenças supõe, de fato, sínteses e remessas que impedem que, em algum momento, em algum sentido, um elemento simples esteja *presente* em si mesmo e remeta apenas a si mesmo. Seja na ordem do discurso falado, seja na ordem do discurso escrito, nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a um outro elemento, o qual, ele próprio, não está simplesmente presente. Esse encadeamento faz com que cada "elemento" – fonema ou grafema – constitua-se a partir do rastro, que existe nele, dos outros elementos da cadeia ou do sistema. Esse encadeamento, esse tecido, é o *texto* que não se produz a não ser na transformação de um outro texto. Nada, nem nos elementos nem no sistema, está, jamais, em qualquer lugar, simplesmente presente ou simplesmente ausente. Não existe, em toda parte, a não ser diferenças e rastros de rastros.⁷³

A partir da percepção desse movimento infinito de significante a significante, a partir do reconhecimento de Saussure de que todo significante traz em si o *rastro* do outro e é só assim que ele adquire sentido, Derrida, então, vai propor o termo *rastro* para substituir o termo *signo* e sua inerente repartição ideal entre significante e significado. Apesar de todas as inovações de Saussure, continuar usando o termo signo não permite que se saia da clausura metafísica, pois, como já dissemos, ele não pode ser entendido fora desta distinção entre o

⁷¹DUQUE-ESTRADA, P. C. *Derrida e a escritura*. p. 18.

⁷²DERRIDA *apud* DUQUE-ESTRADA, *Derrida e a escritura*. p.18.

⁷³DERRIDA, J. *Posições*. p. 32.

sensível e o inteligível e, por isso, não nos permite pensar para além da lógica opositiva hierarquizante. Já o termo *rastro* nos faz pensar de outra forma. Uma forma que condiciona o pensamento a uma relação com a alteridade, desestabilizando completamente a lógica metafísica do “mesmo”, pois mostra como a identidade de todo termo “presente” depende do *rastro* de outros termos que nunca estão simplesmente presentes:

Não se pode pensar o *rastro* instituído sem pensar a retenção da diferença numa estrutura de remessa onde a diferença aparece como tal e permite dessa forma uma certa liberdade de variação entre os termos plenos. A ausência de um outro aqui-agora, de um outro presente transcendental, de uma outra origem do mundo manifestando-se como tal, apresentando-se como ausência irreduzível na presença do *rastro*, não é uma fórmula metafísica substituída por um conceito científico da escritura. Esta fórmula, mais que a contestação da metafísica, descreve a estrutura implicada pelo “arbitrário do signo”, desde que se pense a sua possibilidade aquém da oposição derivada entre natureza e convenção, símbolo e signo, etc. Estas oposições somente têm sentido a partir da possibilidade do *rastro*. A “imotivação” do signo requer uma síntese em que o totalmente outro anuncia-se como tal – sem nenhuma simplicidade, nenhuma identidade, nenhuma semelhança ou continuidade – no que não é ele. Anuncia-se como tal... o *rastro*, onde se imprime a relação ao outro, articula sua possibilidade sobre todo o campo do ente, que a metafísica determinou como ente-presente a partir do movimento escondido do *rastro*. É preciso pensar o *rastro* antes do ente. Mas o movimento do *rastro* é necessariamente ocultado, produz-se como ocultação de si. Quando o outro anuncia-se como tal, apresenta-se como dissimulação de si.⁷⁴

Derrida chama o *rastro*, num primeiro momento de Gramatologia, de *rastro instituído* para marcar seu caráter convencional, imotivado, em oposição a uma suposta e desejada naturalidade da significação e do pensamento. Mas, logo em seguida, ele deixa de usar o termo *rastro instituído* pois afirma que o *rastro* não é imotivado e, sim, “indefinidamente, seu próprio vir-a-ser imotivado. (...) É aquilo a partir do qual um vir-a-ser-imotivado do signo é possível...”⁷⁵ e por isso não pode ser pensado em termos de natureza.

É importante marcar como o *rastro* derridiano foge de um conceito clássico de *rastro*, que o faria derivar de uma presença. É por isso que também, de início, Derrida, refere-se ao *rastro* como um *arqui-rastro*, assim como faz com a *arquiescritura*. Este valor de *arquia*, de origem, marcado aqui é preciso ser entendido. Ele ilustra muito bem o gesto da escrita sob rasura, típico do pensamento da desconstrução, que nos lembra a necessidade de se passar pelos

⁷⁴DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 57.

⁷⁵DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 58

conceitos clássicos no movimento de seu deslocamento.

A escrita sob rasura é em grande parte herdada de Heidegger por Derrida e pode ser vista como o estilo mesmo do pensamento derridiano, que enxerga dentro do próprio texto os recursos para sua desconstrução, que indica o caráter frágil e provisório de todo discurso ao reconhecer que todo texto abala a “própria” filosofia que afirma. Ela marca um cuidado indispensável, como uma demora sobre um tema ao propor sua transgressão, pois se abre-se mão desta atenção pode-se gerar, ao contrário, um movimento de regressão. É assim que Derrida vê o gesto de Heidegger no percurso da rasura do ser. Se num primeiro momento é fundamental enxergar um aspecto ontológico do pensamento do filósofo alemão, é para, logo em seguida, poder colocar essa noção em xeque, já que o próprio Derrida nos lembra que para Heidegger o ser não é “um significado primeiro e irreduzível” e que ele ainda está “enraizado num sistema de línguas e numa ‘significância’ histórica determinada embora estranhamente privilegiada como virtude de desvelamento e de dissimulação”⁷⁶. Se em algum momento Heidegger parece compactuar com o *fonologocentrismo* que denunciemos no capítulo anterior, ele mesmo interroga e abala o sentido do ser como significado transcendental, anunciando, ao contrário, seu sentido inaudito, tanto que passa a escrever a palavra “ser” sob rasura, isto é, riscada por uma cruz, que não é simplesmente negativa, mas que ilustra o gesto que acabamos de descrever: riscando um conceito, mas, ao mesmo tempo, deixando-o legível, sendo possível, assim, reconhecer seus rastros ao marcar um percurso necessário no caminho para seu deslocamento.

Na verdade, a escrita sob rasura mostra a impossibilidade de se criar um vocabulário totalmente novo que já não fosse marcado pela história da metafísica. A simples substituição de um termo clássico por um novo não garante o deslocamento do pensamento. A desconstrução vê a necessidade de trabalhar com o próprio vocabulário metafísico pra levá-lo adiante, vê a necessidade de um movimento que, ao rasurar os conceitos transcendentais, mostra, ao mesmo tempo, que é preciso passar por eles. Por exemplo: o conceito de rastro derridiano não deve ser entendido como o rastro de uma presença anterior, ele diria respeito, na verdade, a um *arquiraastro*, isto é, a um rastro na origem, um rastro do rastro.

⁷⁶DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 28.

Por isso, por um lado, ele faz sentir a necessidade de um valor transcendental de arquia ao mesmo tempo que ele rasura este valor, pois um rastro como origem problematiza o próprio conceito de origem:

o rastro não é somente a desapareção da origem, ele quer dizer aqui – no discurso que proferimos e segundo o percurso que seguimos – que a origem não desapareceu sequer, que ela jamais foi retroconstituída a não ser por uma não-origem, o rastro, que se torna, assim, a origem da origem.⁷⁷

Desta forma, podemos perceber como o rastro derridiano não é o rastro de uma presença anterior, ou um “signo de” como determina o logocentrismo. Se a princípio, o filósofo fala de um *arqui-rastro*, logo depois, afirma que “este conceito destrói seu nome e que, se tudo começa pelo rastro acima de tudo não há rastro originário.”⁷⁸ Por isso, passa a utilizar apenas o termo *rastro*.

O *rastro* derridiano mostra, então, como o processo de significação não tem uma origem simples, ele começou desde sempre. O remetimento sem fim de um termo a outro numa cadeia de significação, é anterior a qualquer identidade: “sem um rastro retendo o outro como outro no mesmo, nenhuma diferença faria sua obra e nenhum sentido apareceria”⁷⁹. Dessa forma, todo processo de significação só pode ser pensado a partir desse movimento em que a diferença anuncia-se como tal na ocultação do *rastro*, na dissimulação de si. Na explicação de Duque-Estrada:

Já não se pode pensar aqui em um sistema de diferenças entre coisas diferentes que, antes de serem confrontadas, já existiam em si mesmas, como coisas presentes a si mesmas. O que é primeiro não são as coisas em si (significantes ou significados em si), mas sim uma diferencialidade, um sistema de diferenças (...) Toda presença mostrar-se-á, sempre, como um efeito do diferenciamento ou, mais precisamente, da *différance*.⁸⁰

Por isso, não se pode pensar numa natureza ou numa essência do rastro, pois ele não existe: “o que quer que possamos reconhecer como sendo o seu ‘em si mesmo’ não é outra coisa senão o efeito ou a resultante de um sistema de diferenças”⁸¹. Este movimento “puro” do rastro (puro porque ele é anterior a

⁷⁷DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 75.

⁷⁸DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 75.

⁷⁹DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 76.

⁸⁰DUQUE-ESTRADA. P.C. *Derrida e a escritura*. p. 19.

⁸¹DUQUE-ESTRADA. P.C. *Derrida e a escritura*. p. 25.

qualquer determinação de conteúdo), o movimento que produz a diferença e que, assim, possibilita toda significação, Derrida chama de *différance*:

Ela não depende de nenhuma plenitude sensível, audível ou visível, fônica ou gráfica. É, ao contrário, a condição destas. Embora não exista, embora não seja nunca um ente-presente fora de toda plenitude, sua possibilidade é anterior, de direito, a tudo que se denomina signo (significado/significante, conteúdo/expressão, etc.), conceito ou operação, motriz ou sensível. Esta diferença⁸², portanto, não é mais sensível que inteligível, e ela permite a articulação dos signos entre si no interior de uma mesma ordem abstrata – de um texto fônico ou gráfico por exemplo – ou entre duas ordens de expressão. Ela permite a articulação da fala e da escritura – no sentido corrente – assim como ela funda a oposição metafísica entre o sensível e o inteligível, em seguida entre significante e significado, expressão e conteúdo etc. Se a língua já não fosse, neste sentido, uma escritura, nenhuma ‘notação’ derivada seria possível; e o problema clássico das relações entre fala e escritura não poderiam surgir.⁸³

A palavra *différance* foi cunhada por Derrida e se refere ao movimento do rastro. Esta palavra modificada da língua francesa pela grafia do “a” ao invés do “e” traz em si dois sentidos diferentes e, seguiremos aqui a explicação de Bradley: por um lado, ela se refere a um movimento de diferenciação e, por outro, a um movimento de deferimento, adiamento. Isto é, por um lado, como já vimos, a *différance* diz respeito a uma espacialidade em que a “identidade” de cada termo depende de outros termos ao seu redor num sistema. E, por outro, ela diz respeito a uma temporalidade, ao modo como cada termo é deferido, adiado no tempo, pois sua “identidade” depende de termos que existem tanto antes como depois dele no sistema lingüístico.

Dessa forma, a estrutura do rastro é uma estrutura desestruturante, que desordena toda estrutura e que, como nos explica Haddock-Lobo, é uma “estrutura” que impede que se rastreie a origem ou que a pense em termos de natureza, ou em termos ontológicos, teológicos, epistemológicos ou mesmo lógicos. Assim a “lógica” do rastro desconstrói a lógica da lógica, ou do *logos*, forçando-nos a pensar de uma maneira outra:

o rastro é verdadeiramente a origem do sentido em geral. O que vem a afirmar mais uma vez, que não há origem absoluta do sentido em geral. O rastro é a diferença que abre o aparecer e a significação. (...) origem de toda repetição,

⁸²Os tradutores de gramatologia optaram por traduzir o termo *différance* por diferença, mas por não acreditarmos que esta tradução faça jus a todos os sentidos da palavra cunhada por Derrida, optamos por manter o termo derridiano não traduzido.

⁸³DERRIDA, J. *Gramatologia*, p.77.

origem da idealidade, ele não é mais ideal que real, não mais inteligível que sensível, não mais uma significação transparente que uma energia opaca e nenhum conceito metafísico pode descrevê-lo.⁸⁴

A brisura

A capacidade de articulação do rastro é tratada no último tópico do segundo capítulo de *Gramatologia* nomeado "a brisura". Esta palavra se refere à palavra francesa *brisure* e, de acordo com os tradutores brasileiros de *Gramatologia*, por não haver na língua portuguesa uma palavra que designe a mesma coisa, optou-se por seu aportuguesamento. Na epígrafe deste tópico Derrida cita uma carta de Roger Laporte em que este fala de um desejo em encontrar uma palavra para designar ao mesmo tempo a diferença e a articulação e que folheando, ao acaso, um dicionário ele se deparou com a palavra *brisure* - "parte fragmentada, quebrada. Cf. brecha, fratura, fenda, fragmento. - Articulação por charneira de duas partes de uma obra de carpintaria, de serraria. A rotura de uma veneziana. Cf. Junta."⁸⁵

E é pela forma de articulação da brisura que se pode entender a escritura derridiana como assunção da fenda, do corte, do espaçamento em sua tecitura. A lógica do rastro que se inscreve nesse tecido mostra a possibilidade mesma de articulação entre o sensível e a idealidade, entre o vivo e o não vivo, entre o mundo e o vivido, enfim, ela não é apenas a condição de possibilidade de toda oposição como também é o que torna possível pensar para além das oposições binárias, é o que torna possível sair de sua lógica excludente e hierarquizante, trazendo para o texto uma "lógica" mais complexa que assume as brechas através das quais todo pensamento se constitui. A brisura nos permite dizer que o pensamento de Derrida parece querer situar-se num "lugar" *entre*, indecível, isto é, num não-lugar da "própria" diferença. Quando se assume a brisura constituinte de todo pensamento não se trata mais de decidir entre um termo ou outro numa lógica dualista. A brisura é, ao mesmo tempo, dentro *e* fora, ausência *e* presença e nunca um *ou* outro.

⁸⁴DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 79-80.

⁸⁵DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 80.

Se para Derrida, todo pensamento é construído, ele também é frágil e passível de ser desconstruído, mais do que isso, ele traz em si a necessidade de sua própria desconstrução, portanto, a ideia de que um texto possa ser totalmente pleno e coeso é uma ilusão que essa escritura do rastro vem desfazer, colocando em evidência uma certa falta de fundamentos constituinte de todo pensamento, de todo texto. Mais do que isso, ela mostra mesmo que essas brechas e esse espaçamento são a condição de possibilidade de qualquer significação, que toda constituição de sentido é baseada em um certo não-saber, em uma certa cegueira que fazem parte do texto. Nas palavras de Derrida:

A significação, assim, não se forma senão no oco da diferença: da descontinuidade e da discricção, do raptio e da reserva do que não aparece. Esta brisura da linguagem como escritura, esta descontinuidade pôde, num momento dado, na linguística, ir de encontro a um precioso preconceito continuísta.⁸⁶

Dessa forma, podemos perceber como, para Derrida, nenhum texto pode se colocar como o lugar de uma verdade universal, já que seu sentido se estrutura, necessariamente, através de uma brisura, pela "lógica do rastro". Do mesmo modo que ele se dá a ler, ele também barra a leitura, chamando para que se entre em sua trama e, ao mesmo tempo, privando o acesso a ela. Nesse sentido, toda leitura mostra-se como uma tarefa infinita que não pode parar de se inscrever. Suas brechas condenam toda leitura a uma invenção sem a qual não há formação de sentido. A escritura derridiana nos obriga, então, a manter uma postura lúcida diante de todo texto, nos coloca numa posição inquietante em que é impossível decidir por um sentido que não seja provisório. Ela nos reserva a tarefa impossível de uma leitura - e, portanto, de uma escritura - infinita que está inscrita nesta aporia de toda significação.

A brisura nomeia, então, esta indecidível presença-ausência que se inscreve na ideia de rastro derridiana. Este novo "conceito" de escritura, formado pelo tecido do rastro, permite articular a diferença entre espaço e tempo, fazendo-a aparecer na unidade de uma experiência. Segundo Derrida, a impossibilidade de se alcançar a evidência de uma presença originária nos remete a um passado absoluto que autoriza denominar *rastro* "o que não se deixa resumir na

⁸⁶ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 85.

simplicidade de um presente"⁸⁷. Há uma passividade essencial ao rastro que diz respeito à relação a esse passado absoluto, mas que não pode ser reduzida apenas a isso. A temporalidade do rastro aponta também para um futuro que nunca se presentifica:

na síntese indecomponível da temporalização, a protensão é tão indispensável quanto a retensão. E suas duas dimensões não se acrescentam mas se implicam uma e outra de um estranho modo. O que se antecipa na protensão não desune o presente de sua identidade a si menos do que o faz o que se retém no rastro⁸⁸.

A temporalidade do rastro é complexa e nos faz colocar sob rasura os conceitos clássicos de passado, presente e futuro, pois o passado sempre significou um presente-passado e o futuro um presente que vai chegar. Mas o passado absoluto que se lê no rastro, nos remete a um "desde-sempre-lá" e o futuro absoluto a um eterno devir e, desse modo, essas noções deslocam, portanto, uma relação à presença que define o conceito metafísico de tempo em geral e também o de história. A estrutura do rastro não pode ser pensada sob essa temporalidade e historicidade metafísicas:

não se trata de complicar a estrutura do tempo, conservando-lhe a sua homogeneidade e sucessividade fundamentais, mostrando, por exemplo, que o presente passado e o presente futuro constituem originariamente, dividindo-a, a forma do presente vivo.⁸⁹

Este conceito de tempo nos remeteria a uma linearidade e a uma objetividade que a noção de escritura desenvolvida aqui vem justamente abalar. A temporalidade complexa do rastro não se prestaria a uma fenomenologia da consciência ou da presença. A arqui-escritura marca um *tempo morto* que age no texto e que diz respeito a uma inconsciência fundamental da linguagem e ao *espaçamento* do qual falávamos acima: a pausa, o branco, a pontuação, o intervalo em geral que marcam no texto o não-percebido, o não-presente, o não-consciente. Como podemos perceber, este *espaçamento* de que fala Derrida não se refere apenas à noção de espaço, mas mostra-se como articulação do espaço e do tempo: "o vir-a-ser-espaço do tempo e o vir-a-ser-tempo do espaço"⁹⁰ e mostra a

⁸⁷ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 81

⁸⁸ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 81

⁸⁹ DERRIDA, J. *Gramatologia* p. 82

⁹⁰ DERRIDA, J. *Gramatologia* p. 83

impossibilidade de uma fenomenologia da escritura: "como uma fenomenologia do signo em geral, uma fenomenologia da escritura é impossível. Nenhuma intuição pode se dar lá onde "os 'brancos' na verdade assumem a importância"⁹¹

Nesse mesmo sentido, o espaçamento como escritura é também o vir-a-ser-ausente e o vir-a-ser-inconsciente do sujeito. Derrida diz que a *arquiescritura* nunca poderá ser entendida sob a categoria do sujeito, pois ela desconstrói justamente a "identidade do próprio na presença da relação a si."⁹² O devir, ou a deriva, da escritura não permite a possibilidade de escolha de um sujeito que se deixasse arrebatar por ela, muito pelo contrário, este devir é anterior ao sujeito, ele é a própria constituição da subjetividade e, por isso, pode ser visto como a relação do sujeito à sua morte. Portanto, todo grafema é por essência testamentário e a ausência que é assumida pela escritura não é apenas a ausência do sujeito, mas também da coisa e do referente.

O fonocentrismo metafísico que, como já vimos, Derrida acusa como 'limitador' da escritura, é a exigência da linearidade e do continuísmo que indicamos acima. Uma vez que se renuncia a esse preconceito linearista e continuísta, renuncia-se também a uma distinção radical entre fala e escritura. O que não quer dizer renunciar a uma fonologia, mas à ideia de uma fala contínua, plena, que não seja marcada pelos mesmos acidentes, pelo mesmo *espaçamento* da escritura. Enfim, abrir mão desse preconceito seria reconhecer também a fala como escritura, já que ela também se constitui na trama do *rastro*.

Propondo-se a justificar a escolha da palavra *rastro* no final do segundo capítulo de *Gramatologia*, Derrida pergunta-se do porque do *rastro*. E por tudo o que vimos até agora sobre a escritura derridiana podemos entender que a argumentação de Derrida diz que a natureza dessa resposta e dessa pergunta deve se deslocar constantemente, pois

se as palavras e os conceitos só adquirem sentido nos encadeamentos de diferenças, não se pode justificar sua linguagem, e a escolha dos termos, senão no interior de uma tópic e de uma estratégia histórica. Portanto, a justificação não pode jamais ser absoluta e definitiva. Ela responde a um estado das forças e traduz um cálculo histórico.⁹³

⁹¹ DERRIDA, J. *Gramatologia* p.84

⁹² DERRIDA, J. *Gramatologia* p.84

⁹³ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.86.

Então, esta escolha faz referência a um certo número de discursos da época com os quais Derrida conta. Não que ele concorde plenamente com o sentido que esta palavra toma nesses discursos, mas é claro que se estabelece algum tipo de relação com eles. Ele diz aproximar o seu "conceito" de *rastro* ao dos últimos escritos de Lévinas em sua crítica da ontologia, isto é, "relação à illidade como à alteridade de um passado que nunca foi e que não pode nunca ser vivido na forma, originária ou modificada, da presença."⁹⁴ Contudo, de forma diferente de Lévinas e de acordo com uma certa postura heideggeriana, mas para além do discurso deste último, a noção derridiana de *rastro* se coloca como o abalo de uma ontologia que "determinou o sentido do ser como presença e o sentido da linguagem como continuidade plena da fala."⁹⁵ Derrida diz mesmo que a intenção de *Gramatologia* seria problematizar, tornar enigmático, aquilo que acreditamos entender por proximidade, imediatez e presença. E, além disso, ele prossegue explicando que essa desconstrução da presença é também uma desconstrução da consciência através da noção de *rastro* tal qual aparece nos discursos nietzschianos e freudianos.

Assim, de acordo com tudo o que dissemos até então, o *rastro* derridiano é anterior a toda oposição e pertence ao próprio movimento da significação, por isso, é preciso reconhecer que toda significação está *a priori* escrita, mesmo que ela não esteja inscrita num elemento sensível e espacial dito exterior. O *grama*, o *rastro*, é a abertura da primeira exterioridade em geral, enigmática relação de um dentro com um fora, isto é, o *espaçamento*. E sua estrutura *indecidível*, sua presença-ausência, traz em si o problema da letra e do espírito, do corpo e da alma, de todas as oposições que tratamos aqui, abalando não só a estrutura dualista do pensamento, como também tudo aquilo que na história da metafísica caminhou na direção da redução do *rastro*. "Que o logos seja primeiramente impressão e que esta impressão seja o recurso escritural da linguagem, isto significa, certamente, que o logos não é uma atividade criadora, o elemento contínuo e pleno da fala divina, etc."⁹⁶ Esta citação de Derrida mostra em que sentido a desconstrução da metafísica caminha na direção de uma desconstrução do *logos* como sublimação do *rastro*, como subordinação do *rastro* à presença

⁹⁴ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 86.

⁹⁵ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 86.

⁹⁶ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 83.

plena resumida em si. E é nesse sentido que o *logos* é teológico, assim como todas as teologias infinitistas são logocentrismos, com o ser infinito reduzindo a diferença na presença.

A impossibilidade de uma fala plena marcada pela brisura reflete a impossibilidade da unidade do signo. De acordo com a lógica do rastro é impossível que um significante e um significado produzam uma unidade na plenitude de um presente e de uma presença absoluta. Por isso, a escritura, como a brisura na linguagem, é a própria problematização da questão da verdade e do sentido. Se a origem do sentido é uma diferença como poderia haver sentido pleno? A desconstrução do conceito metafísico de signo, na qual se assume a dissimetria irreduzível entre o significante e o significado, deixa ver como não só todo significante é frágil, mas também como todo significado está desde sempre na posição de significante. Ou melhor, para usar os termos derridianos, tanto o significante quanto o significado estariam na posição de *rastros*, apontando para a falta de uma origem simples e para a impossibilidade de um fechamento de sentido, de uma conclusão. Mesmo que Saussure já tenha abalado a totalidade do signo mostrando a irreduzível dependência do significado e do significante e, além disso, mostrando como todo significante é constituído a partir de diferenças (apontando já a ideia de rastro apenas para o significante), ele livra o significado dessa cadeia de remetimentos sem fim, mantendo seu privilégio e prometendo a totalidade do sentido na unidade da dupla face do signo. Em outras palavras, o significado ainda é visto como "um sentido pensável em princípio na presença plena de uma consciência intuitiva."⁹⁷ Em oposição a esta visão, enxergando a impossibilidade da totalidade do signo, Derrida propõe o termo rastro para indicar tanto o significante como o significado, ou melhor, nesse sentido, ele não vê a diferença entre esses dois termos. E, assim, a constituição de um sentido pleno só poderia se projetar numa promessa que nunca se realiza. O próprio do signo como rastro seria apontar infinitamente para um outro.

⁹⁷ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 89.